

**“ESTA É A MANEIRA COMO OS INGLESES VIVEM?”:  
a diáspora em reverso em *Small Island* de Andrea Levy**

Ana Flávia de Moraes Faria Oliveira \*  
Divanize Carbonieri \*\*

**RESUMO:** *A partir dos anos 1990, o foco principal da literatura e da crítica pós-colonial passou a ser as narrativas dos “entre-lugares”, mais especificamente da diáspora. No caso das diásporas africanas e afrodescendentes, esse escopo parece adquirir relevância ainda maior porque muitas vezes a narrativa diaspórica é o meio encontrado de reconstruir um passado obliterado pela escravização e pelo racismo. O romance *Small Island* (2004) da autora afro-britânica Andrea Levy parece ser um bom exemplo disso, uma vez que reconstrói a migração afro-caribenha para a Grã-Bretanha logo após a Segunda Guerra Mundial. O objetivo deste trabalho é demonstrar que a experiência da diáspora faz com que a personagem Hortense se conscientize de sua situação de sujeito colonizado e altere sua percepção a respeito do próprio valor, buscando novas estratégias de sobrevivência e empoderamento.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Literatura pós-colonial; Diáspora; Migração afro-caribenha; Empoderamento.*

**ABSTRACT:** *From the 1990s, the main focus of postcolonial literature and criticism has become the “in-between” narratives, specifically those of the diaspora. In the case of African and Afro-descendant diasporas, that scope seems to acquire even greater importance because the diasporic narrative is often the means used to reconstruct a past obliterated by slavery and racism. *Small island* (2004) by British African-Caribbean author Andrea Levy seems to be a good example, as it reconstructs the African-Caribbean migration to Great-Britain after the Second World War. The aim of this paper is to demonstrate that the experience of diaspora makes the character Hortense become aware of her situation as a colonized subject and change her perception of her self-worth, seeking new strategies of survival and empowerment.*

**KEYWORDS:** *Postcolonial literature; Diaspora; African-Caribbean migration; Empowerment.*

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Membro do Grupo de Pesquisa “Literaturas Africanas e Afrodescendentes de Língua Inglesa na Diáspora” (LAALID). Bolsista CAPES. E-mail: anaflaviamt@gmail.com.

\*\* Professora-Adjunta do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Literaturas Africanas e Afrodescendentes de Língua Inglesa na Diáspora” (LAALID). E-mail: divacarbo@hotmail.com.

## 1. INTRODUÇÃO

O romance *Small Island* (2004) da escritora afro-britânica Andrea Levy tem como tema principal a questão da diáspora caribenha, uma vez que faz referência ao deslocamento em massa de centenas de afro-caribenhos que migraram, no pós-guerra, para a Grã-Bretanha em busca de melhores condições de vida. Reúne quatro histórias entrelaçadas: a de Gilbert, um migrante jamaicano negro; a de Hortense, esposa de Gilbert, uma mulher afro-caribenha que segue o marido à Grã-Bretanha; a de Queenie, uma mulher britânica branca; e a de Bernard, o marido britânico de Queenie. Essas narrativas abrangem um período de tempo que vai de décadas antes da Segunda Guerra Mundial até 1948, marco inicial da migração caribenha para a Grã-Bretanha. O romance é, contudo, ambientado em diversos lugares, incluindo a Jamaica, os Estados Unidos, a Índia e a Inglaterra. Alicia Ellis (2012) identifica que:

*Small Island* de Andrea Levy se movimenta para trás e para frente entre 1924 e 1948 e através das fronteiras nacionais e momentos culturais, incluindo a Exposição do Império de 1924, em Wembley; Londres imediatamente antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial; a Jamaica durante os anos de guerra; a Inglaterra e a América dos aviadores jamaicanos durante a guerra; e Calcutá após o VJ Day (Dia da Vitória sobre o Japão) (ELLIS, 2012, p. 70, tradução nossa).

Assim, podemos dizer que *Small island* se desloca no tempo e espaço, fazendo com que o discurso do migrante seja multiplamente localizado. De acordo com Ellis, “essa abordagem acumulativa e sobreposta no tempo e no espaço desafia uma articulação singular de migração e império enquanto que, ao invés disso, sugere uma pluralidade

de momentos, locais e perspectivas” (ELLIS, 2012, p. 71, tradução nossa). As diferentes vozes no interior do romance hibridizam línguas e variedades linguísticas e também trazem à tona os modos distintos como os personagens europeus e jamaicanos veem e representam o mundo. O propósito desse modo de narrar utilizado por Levy parece ser apresentar mais do que a mistura entre povos de diferentes etnias, nações e línguas, mas principalmente a tensão constante que permeia o relacionamento entre esses diversos grupos.

Nessas situações de encontros e confrontos culturais, a negociação de valores e significados adquire uma incontestável relevância. Para Homi Bhabha (1990), “nós estamos sempre negociando em qualquer posição de oposição ou antagonismo político”, e, “quando uma nova situação, uma nova aliança se formula, ela pode exigir que você traduza seus princípios, repense-os, alargue-os” (BHABHA, 1990, p. 216, tradução nossa). A experiência da diáspora certamente produz esses resultados. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é mostrar como a vivência do deslocamento alterou a percepção da personagem Hortense, em *Small island*, a respeito de sua condição como um sujeito colonizado. Para tanto, é necessário inicialmente realizar uma discussão a respeito das conceituações em torno do fenômeno da diáspora.

## 2. AS DIÁSPORAS E SUAS NARRATIVAS

De acordo com John McLeod (2000), a literatura e a crítica pós-colonial contemporâneas têm se voltado cada vez mais para a experiência da migração, movidas pelo grande aumento no afluxo de deslocamentos de

grupos humanos. Até os anos 90, a literatura e a crítica pós-colonial tinham focado principalmente as relações tensas entre metrópoles e colônias, além de interrogar os discursos colonialistas. Mas, a partir de então, seu escopo se estende para abranger a representação da vida na diáspora. Para McLeod, isso inclui a criação de novas formas de pensar sobre as identidades individuais e coletivas e reelaborar a relação entre literatura, história e política.

As experiências da diáspora podem ser bastante diversificadas. Contudo, a opressão, a vitimização, a perda, a dor, o sofrimento são muitas vezes sentimentos comuns partilhados pelas populações que se dispersam em ondas sucessivas para todas as partes do mundo. A expressão “identidades de paixão”, cunhada por Paul Gilroy (2001), é utilizada para nomear esse sentimento compartilhado pelos povos negros que passaram pela experiência das diásporas, tanto involuntárias, iniciando-se com a escravização, quanto voluntárias, em épocas mais recentes. Isso não quer dizer obviamente que haja uma homogeneidade nas respostas, soluções e lições produzidas e obtidas por esses grupos em deslocamento. As trajetórias das populações afrodiáspóricas apresentam especificidades marcantes que as distinguem, mas o enfrentamento do racismo e, conseqüentemente, das tentativas de inferiorização é algo recorrente.

A conceituação da “diáspora” é fundamental para a discussão deste trabalho porque *Small island* retrata, em especial, o deslocamento de um casal jamaicano entre os espaços do Caribe e da Europa, mas também faz alusões a outras diásporas involuntárias históricas (a da mão de obra

africana escravizada e a judaica). O romance também trata da sensação de se sentir deslocado num local diferente ao de origem e das implicações acarretadas por essa vivência.

O Atlântico Negro, outro conceito elaborado por Gilroy, constitui-se numa alternativa transnacional, ou seja, que transcende a configuração do Estado-nação, para se pensar e analisar a história cultural das várias diásporas africanas e afrodescendentes pelo mundo. Gilroy afirma que, numa época em que ideologias racistas e xenófobas parecem estar ressurgindo em todo mundo, é necessário ultrapassar as perspectivas nacionais e nacionalistas, reavaliando o significado do Estado-nação moderno como unidade política, econômica e cultural exclusiva. Gilroy também contrapõe o conceito de diáspora à ideia de raça. Para ele, a raça envolveria uma fixidez por estar ancorada ao corpo, não podendo ser alterada, por exemplo. Já a diáspora, por corresponder a movimentos constantes, seria mais dinâmica e, portanto, mais libertadora. Nesse sentido, pensar nos sujeitos afrodiáspóricos por meio da diáspora ao invés da raça é algo que, seguindo o raciocínio de Gilroy, poderia ajudá-los a resistir à opressão e encontrar novas formas de empoderamento.

A história dos negros é, de qualquer maneira, marcada pelo deslocamento das mais variadas maneiras, uma vez que eles foram:

[...] trazidos da África para a América e Caribe a bordo dos navios negreiros pela “passagem do meio” do oceano Atlântico; migrando para a Grã-Bretanha depois dos anos 1950, devido à escassez da mão de obra britânica; ao longo dos séculos XIX e XX, fazendo viagens entre a América, a Grã-Bretanha e a África (MCLEOD, 2000, p. 229, tradução nossa).

Como existem diferentes razões para essa mobilidade, Avtar Brah (1996) advoga pela necessidade de analisar o que torna uma diáspora diferente da outra, pois elas podem ser influenciadas pela conquista e colonização, como é o caso de muitas diásporas europeias, ser resultado da captura e remoção de africanos para trabalhar como escravizados no sistema colonial das Américas ou ainda a consequência da organização econômica, política e social do mundo em períodos mais recentes. Para ela, a diáspora não se refere apenas a quem viaja, mas quando, como, e sob quais circunstâncias, bem como às condições socioeconômicas, políticas e culturais que marcam a trajetória dessas pessoas.

Brah ainda argumenta que o termo “diáspora” deve ser compreendido como um mapeamento conceitual que interroga e se contrapõe à procura por origens absolutas, genuínas ou fixas. Segundo ela, diáspora (do grego *dia* + *speirein*) significa esparramar-se ou dispersar-se. Em conformidade com Brah, Thomas Bonnici (2009) estabelece a diáspora como o deslocamento forçado ou livre de pessoas de seu lar ou de sua pátria para outras regiões. Ele ainda adverte que o termo não se restringe mais ao evento da dispersão dos judeus após a tomada de Jerusalém no século I da era cristã, mas pode ser usado para abranger:

(a) a migração forçada de onze milhões de africanos para as Américas desde o século 15 até o século 19; (b) a migração forçada de povos indígenas das Américas para outras regiões no mesmo continente através das reduções jesuíticas e pela escravidão introduzidas pelos espanhóis e portugueses; (c) a migração, sob contrato, de povos asiáticos para o Caribe (*indentured labour*) [...]; (d) a migração “voluntária” de povos da Europa e da Ásia para as Américas,

Austrália, Canadá, África do Sul (migração por problemas econômicos) [...]; (e) a migração forçada de povos africanos/europeus/latino-americanos por causa de guerras coloniais e guerras civis; (f) a migração de indivíduos africanos, sul-americanos, caribenhos e asiáticos para ex-metrópoles e outros países industrializados em busca de trabalho, benesses, estudos (BONNICI, 2009, p. 398).

Na diáspora, tal como é entendida por Brah e Bonnici, está envolvido, necessariamente, o fenômeno da migração, ou seja, o afastamento do local de origem. Brah ainda enfatiza que, embora a diáspora possa ser compreendida como múltiplas jornadas, nem toda jornada caracteriza uma diáspora. Uma viagem casual, por exemplo, ou residir temporariamente em outra região, para ela, são situações que não constituem um deslocamento diaspórico. De acordo com Brah, para que uma jornada seja realmente diaspórica, ela deve envolver o estabelecimento de raízes em outro lugar, diferente daquele de onde se partiu.

Em contrapartida, Roland Walter (2009) apresenta uma conceituação de diáspora ligeiramente diferente daquela proposta por Brah e Bonnici, mas que parece ainda mais contemporânea. Ao sublinhar a necessidade da fixação de raízes no local de chegada, Brah acaba ressaltando uma certa fixidez. Walter, por outro lado, defende que a diáspora pode ser entendida como um vaivém constante entre lugares, tempos e epistemologias. Assim, o relacionamento entre os locais de partida e chegada podem ser mais provisórios, o que corresponde mais de perto aos tempos em que vivemos.

Numa época como a nossa, Bhabha (2013) identifica que restringir-se às narrativas canônicas, produzidas, sobretudo, por autores ocidentais, é uma limitação muito grande, havendo a necessidade premente de se ir além

desse cânone de pensamento. Para ele, é fundamental focalizar também as narrativas dos “entre-lugares”, em outras palavras, as obras produzidas na articulação de diferenças culturais e de questões de raça, gênero ou migração. Bhabha atribui importância ao “entre-lugar”, esse espaço intersticial entre duas ou mais instâncias diferentes, sejam elas culturais ou sociais, porque o entende como o ambiente fértil para a proliferação de novas ideias e pensamentos e para a formação de novas identidades e manifestações culturais. Segundo ele, o estudo da literatura mundial na atualidade deve abranger “a história da migração pós-colonial, as narrativas da diáspora cultural e política, os grandes deslocamentos sociais de comunidades camponesas e aborígenes, as poéticas de exílio, a prosa austera dos refugiados políticos e econômicos” (BHABHA, 2013, p. 25).

As narrativas da diáspora, escritas por autores que vivem em territórios, nações ou culturas diferentes daqueles de sua origem são nomeadas por Robert Fraser (2000) de *narrativas transculturais*. São narrativas em que são abordadas questões que emergiram do encontro de duas ou mais culturas, mas em que também são tratados aspectos concernentes aos grupos minoritários da atualidade que ainda sofrem diferentes tipos de opressão baseadas na superioridade do “homem heterossexual/branco/patriarcal/cristão/militar/capitalista/europeu”, imposta pelos europeus, sobretudo durante o período do encontro colonial, mas existente ainda na atualidade (GROSFOGUEL, 2011, p. 122, tradução nossa).

As narrativas da diáspora de autores afrodescendentes, como é o caso de *Small island*, questionam diversos problemas enfrentados por grupos minoritários na contemporaneidade, mas têm como objetivo principal não deixar a história dos negros cair em esquecimento, preenchendo inclusive as eventuais lacunas causadas pelo apagamento durante a escravização e pelo racismo. Nesse sentido, Walter estabelece que uma das características mais importantes do discurso afrodescendente é precisamente a reconstrução do passado através da memória. Ele explica que, como os escritores africanos e afrodescendentes emergiram da experiência do colonialismo e da escravização, eles se colocam perante uma história majoritariamente escrita pelos antigos colonizadores e carregada de ideologias coloniais. Ele ainda acrescenta que:

O ato da *recordação* – um complexo processo seletivo que (re) codifica imagens e pensamentos – que dá acesso à *memória* é um ato de resistência à perda, expropriação, desterritorialização e desarraigamento sofrido pelos afrodescendentes pan-americanos (WALTER, 2009, p. 20).

Walter entende que o apagamento do ancestral mediante o genocídio, a escravização e a distorção da memória cultural é o trauma que precisa ser trabalhado para uma reconstrução também da episteme cultural. Para ele, a escrita literária, com suas metáforas, alegorias e discursos, funciona muitas vezes como esse espaço de reconstrução de um passado, uma identidade e uma epistemologia perdida. Aquilo que se perdeu é recriado por meio de palavras, num processo cíclico de articulação, desarticulação e rearticulação. Segundo Walter:

É mediante a indecisão dos tropos poéticos e dos discursos retóricos – a ambiguidade perturbadora, transgressiva e transformadora do processo significativo capturado pelos signos – que somos capazes de explorar a memória e, neste processo, tornar audível o silêncio histórico (WALTER, 2009, p. 27).

De acordo com ele, a memória, transferida da experiência individual vivida pelos ancestrais africanos para a imaginação coletiva, através da literatura, enfatiza a descontinuidade entre o passado vivido e o lembrado. Nesse sentido, ao criar um padrão multidimensional de pertencimento cultural através do tempo e do espaço, “a memória diaspórica cria uma continuidade não fixa, mas móvel, fragmentada” (WALTER, 2009, p. 67). Em *Small island*, Levy constrói sua trama ficcional com base nessas descontinuidades do passado. A narrativa, além de focar o deslocamento físico de caribenhos para o Reino Unido no século XX, é permeada por muitas outras histórias individuais e coletivas que não têm o interesse de mudar o passado, mas de problematizá-lo, preenchendo as lacunas deixadas pela história oficial.

Levy recria, por exemplo, a memória do regime escravocrata nas *Plantations* da Jamaica, refletida na apreensão dos caribenhos que tencionavam imigrar para a Inglaterra de que se implantasse, na Europa, o mesmo sistema de trabalho forçado, caso o nazismo saísse vitorioso: “se esse Hitler ganhar essa guerra, ele vai trazer a escravização novamente. Vamos todos ser acorrentados. Trabalharemos sem receber salários” (LEVY, 2010, p. 108, tradução nossa).<sup>1</sup> Também há uma sutil alusão à

---

<sup>1</sup> “[...] if this Hitler man wins this war he will bring back slavery. We will all be in chains. We will work for no pay”.

diáspora judaica no Caribe: “Antropóide [...], palavra usada por Hitler e seus amigos para descrever os judeus e homens de cor. [...] Fui atingido duas vezes. Porque sou um homem negro cujo pai nasceu judeu” (LEVY, 2010, p. 108, tradução nossa).<sup>2</sup> Ao retratar a falta de oportunidades na Jamaica, Levy mostra que a diáspora involuntária está se repetindo, só que dessa vez no sentido inverso, já que não se dá aos caribenhos outra alternativa a não ser migrar para outros lugares.

Édouard Glissant assevera que “a história dos afrodescendentes caribenhos é uma ‘não-história’<sup>3</sup> esquizofrênica caracterizada por rupturas que começam com um deslocamento brutal, a escravatura” (GLISSANT *apud* WALTER, 2009, p. 62). Walter ainda complementa esse argumento, explicando que os afrodescendentes da diáspora pan-americana têm uma “não-identidade”. Para Walter, “ter uma identidade significa ter uma história inscrita numa terra. Ter uma história imposta contra a vontade, sem poder inscrevê-la na terra enquanto seu dono, significa ter uma não-identidade” (WALTER, 2009, p. 63). Ainda segundo Walter:

[é] na literatura enquanto espaço *mnemônico* que os autores negros recriam os mitos necessários para se enraizar como sujeitos autóctones. A reapropriação do espaço via memória, portanto, possibilita a colocação do afrodescendente na sua própria história. A renomeação do seu lugar e da sua história significa reconstruir sua identidade, tomar posse de sua cultura; significa, em última análise, resistir a uma *violência epistêmica* que continua até o presente (WALTER, 2009, p. 63).

<sup>2</sup> “Anthropoid [...] word used by Hitler and his friends to describe Jews and colored men. [...] Two whacks I got. For I am a black man whose father was born Jew”.

<sup>3</sup> O termo “não-história” de Glissant se refere à consciência histórica descontínua – que se formou no contexto de choque, contradição, negação dolorosas e forças explosivas - marcada por deslocamentos do contínuo e pela incapacidade de uma consciência coletiva.

Os sujeitos que vivenciam o processo da diáspora estão posicionados na intersecção de complexos entrelaçamentos culturais. De acordo com Walter, isso pode ser facilmente notado na tessitura da narrativa diaspórica, uma vez que, por meio da escrita, os escritores reconstroem a oralidade dos diversos falares afrodescendentes. Além da variedade do inglês jamaicano presente em *Small island*, o conflito entre a cultura dominante e a cultura minoritária mostrado por Levy aparece como tradução cultural. Com a busca incessante de Hortense em se parecer com os britânicos, sobretudo na maneira de falar, Levy relembra a imposição do colonialismo britânico, com suas estratégias de dominação, em suas colônias. Mas antes de tratar da personagem, discutiremos como a experiência da diáspora foi importante para a própria autora.

### 3. A DIÁSPORA AFRO-CARIBENHA E LEVY

Stuart Hall (2003) aponta que a história britânica oficial tem como pressuposto a ideia que a Grã-Bretanha tenha sido uma cultura homogênea e unificada até as migrações de caribenhos e asiáticos no pós-guerra. Contudo, Hall explica que existe uma presença “negra” na Grã-Bretanha desde pelo menos o século XVI. Também para McLeod, seria ingênuo pensar que a Grã-Bretanha, bem como outras nações colonizadoras, era cultural e etnicamente homogênea antes da Segunda Guerra Mundial. Ele argumenta que, a fim de expandir seus domínios e encontrar mais fontes de matérias primas e novos mercados para seus produtos, o Império Britânico realizou inúmeras viagens, estabelecendo colônias em diversas regiões. Dessa forma, desde o início do processo de colonização, já havia povos de

diferentes etnias e culturas sendo levados à Grã-Bretanha para trabalhar na situação de subalternos. Entretanto, McLeod reconhece que a presença de povos coloniais, sobretudo caribenhos, só se tornou mais evidente no século XX, após a Segunda Guerra.

Segundo Wendy Knepper (2012), a história da família de Levy está intimamente conectada ao evento da chegada do navio *S.S Empire Windrush* nas docas de Tílbury em Londres no dia 22 de junho de 1948, com centenas de caribenhos. Foi o marco que deu início à diáspora negra na Grã-Bretanha e à ascensão do que a poetisa jamaicana Louise Bennet (1966) chamou de “Colonização em reverso” (“*Colonisation in reverse*”).<sup>4</sup> A partir dali, segundo McLeod, o Império Britânico, que havia mudado a vida das nações colonizadas, foi também transformado, com o convívio com novas identidades culturais e sociais. O pai de Levy saiu da Jamaica para Inglaterra no *Empire Windrush* em 1948. Sua mãe se reuniu a ele seis meses depois. As suas experiências de recepção no país anfitrião certamente não diferem muito daquelas vivenciadas pelos outros imigrantes caribenhos. Numa entrevista dada ao *The guardian*, Levy comenta como seus pais e outros caribenhos vivenciaram a chegada à Grã-Bretanha:

Rapidamente eles descobriram que eram estrangeiros na Inglaterra e isso os chocou. As coisas que eles pensavam ser essencialmente inglesas – as boas maneiras, a polidez, as vogais arredondadas de bons falantes – não estavam à mostra. [L]ia-se nas janelas: “proibido negros, cachorros, irlandeses”. Por causa da cor da sua pele, meu pai encarou inacreditável hostilidade

<sup>4</sup> Título de um poema de Bennet publicado no livro *Writing Black Britain 1948-1998: an interdisciplinary anthology*.

quando procurava por algum lugar para morar (LEVY *apud* KNEPPER, 2012, p. 6).

Para Ellis, como Levy faz parte de uma geração diaspórica que já nasceu no país anfitrião, a sua identidade nacional e cultural já está entrincheirada no “nós” da identidade britânica, mas também tem sido moldada pela história de migração da Jamaica para a Grã-Bretanha de sua família durante os anos *Windrush*. Ellis ainda nota que a autora parece ter uma ligação geracional que alinha sua própria biografia com a de seus pais, que foram “formados” como sujeitos sob a influência direta de imigração, exílio e desilusão.

A afirmação de Ellis é corroborada pela argumentação de Hall, porque ele afirma que pesquisas realizadas com imigrantes caribenhos na Grã-Bretanha mostram que eles e seus descendentes mantêm relações fortes com o local de origem e que os assentamentos negros não são desligados de suas raízes no Caribe. Para Hall, aquilo que ele chama de “identificação associativa” com as culturas de origem permanece forte, entre as chamadas minorias étnicas na Grã-Bretanha, mesmo na segunda ou na terceira geração, como é o caso de Levy.

De acordo com Ellis, o *Windrush* trazia a bordo ex-voluntários caribenhos que tinham sido enviados para a Grã-Bretanha durante a guerra. Ansiosos, os ex-militares esperavam encontrar um ambiente receptivo em sua chegada e conseguir empregos condizentes com o sacrifício que haviam feito, arriscando suas vidas pelo Império. Ellis acrescenta que alguns deles esperavam inclusive poder integrar as Forças Armadas Reais (RAF) permanentemente. Hall, por sua vez, menciona que, junto com esses

ex-voluntários, foi trazida também uma parcela de civis caribenhos que abandonaram as economias em depressão de suas regiões em busca de uma vida melhor. Segundo ele, o fluxo migratório foi reforçado rapidamente, com pessoas oriundas de todo o Caribe, depois do subcontinente asiático, da África e de outros países do dito Terceiro Mundo, até o final dos anos 70, quando as portas foram finalmente fechadas para a migração no Reino Unido.

Até essa data, a Grã-Bretanha necessitava de pessoas para poder se reerguer após a destruição causada pela guerra. Sendo assim, ela quebrou suas barreiras e recrutou povos coloniais para cooperar com o país, devido à carência de mão de obra em serviços subalternos. Muitos ex-voluntários e civis afro-caribenhos viram nesse ato uma oportunidade de ascender social e economicamente. Porém, Hall explica que “a maioria do povo britânico olhava esses ‘filhos do império’ como se não pudessem sequer imaginar de onde ‘eles’ vinham, por que ou que outra relação eles poderiam ter com a Grã-Bretanha” (HALL, 2003, p. 64). De acordo com ele, a história do pós-guerra na Inglaterra tem sido marcada por lutas contra o preconceito racial, por confrontos com grupos racistas e a polícia, bem como pelo racismo institucionalizado e pelas autoridades públicas que administram e distribuem diferencialmente os programas assistenciais dos quais dependem as comunidades imigrantes. Hall ainda declara que a maioria das famílias de imigrantes caribenhos se encontra na extremidade inferior do espectro social, caracterizada por altos níveis relativos de pobreza, desemprego e insucesso educacional.

Os autores afro-britânicos normalmente retratam essa condição de subalternos dos imigrantes e seus descendentes apresentada por Hall. Para Knepper, tais escritores priorizam temas relacionados à escravização, migração e pertença, pois tiveram suas vidas moldadas por essas histórias. Knepper nota que, mesmo Levy sendo frequentemente classificada como afro-britânica, seu contexto familiar é mais complexo, abrangendo ascendentes jamaicanos, escoceses e judeus. Em sua formação, Levy experimentou os anos de transição, em que a Grã-Bretanha branca veio a reconhecer sua identidade multirracial, ainda que com certa contrariedade. Esse período coincidiu com um momento fortemente marcado pela agitação racial: dois anos depois de seu nascimento, em 1958, os motins em Notting Hill eclodiram. Em 1968, como nos lembra Knepper, ela estava à beira da adolescência, quando Enoch Powell proferiu seu discurso “rios de sangue”.<sup>5</sup> Com toda essa bagagem, foi, de acordo com Lisa Allardice (2005), após os trinta anos de idade que Levy se interessou em retratar a experiência dos afro-britânicos.

Carole Boyce Davies (1994) identifica três gerações de escritores caribenhos preocupados com os temas da migração e da identidade na diáspora:

A primeira, formada por jamaicanos que chegaram ao porto de Tilbury no navio *Empire Windrush* em 1948, dando início ao movimento migratório que durou até o final da década de 1950; a segunda, representada pela geração seguinte à década de 1960, influenciada pelos discursos ligados aos movimentos pelos direitos

<sup>5</sup> “Rios de sangue”: trata-se do discurso proferido pelo político conservador britânico Enoch Powell (1912–1998), em 20 de abril de 1968, no qual previa uma catástrofe devido à imigração de negros e mestiços para o Reino Unido.

civis e pelo poder negro, uma geração que se recusou a aceitar o racismo; a terceira, uma geração de crianças afro-caribenhas que cresceu na Inglaterra, tendo como certo seu acesso aos direitos do Estado (DAVIES, 2010, p. 757).

A partir dessa classificação, podemos localizar Levy na terceira geração de escritores afro-caribenho-britânicos, sendo que ela é atualmente um dos nomes mais conhecidos da literatura pós-colonial de língua inglesa, de autoria feminina e afrodescendente, sobretudo pela sua conquista do *Orange Prize* (2004), do prêmio *Whitebread book of the year* (2004) e do *Commonwealth writer's prize* (2005).<sup>6</sup>

Knepper nos lembra que, na época em que Andrea Levy inicia seus trabalhos de escrita, já havia uma gama de escritores afro-caribenhos bastante conhecidos, como Sam Selvon, George Lamming, V. S. Naipaul, Caryl Phillips, Joan Riley, e poetas performáticos como Linton Kwesi Johnson, Jean Breeze “Binta” e Benjamin Zephaniah. Sendo uma ávida leitora das obras de autoras afro-americanas, como Maya Angelou, Toni Morrison e Alice Walker, Levy não encontrava escritoras britânicas equivalentes, o que a levou a voltar-se para a escrita feminista, tentando preencher ela mesma essa lacuna. Ainda segundo Knepper, a leitura de *The women's room* (1977) de Marilyn French foi um momento-chave na formação de Levy, que depois disso empreendeu uma leitura mais ampla de autoras feministas, como Audre Lorde, Angela Davis e Zoë Fairbairns, provavelmente em busca de uma tradição de escrita de mulheres que

---

<sup>6</sup> O *Orange Prize* é um dos mais prestigiosos prêmios literários do Reino Unido. É atribuído anualmente a escritoras de qualquer nacionalidade para o melhor romance original escrito em inglês e publicado no Reino Unido. O *Whitebread book of the year* é uma premiação dada às obras com alto mérito literário. O *Commonwealth writer's prize* é também um prêmio atribuído anualmente às melhores obras produzidas em quatro regiões: África, Caribe e Canadá, Sul da Ásia e Europa e Sudeste da Ásia e Pacífico.

pudesse lhe inspirar em sua produção. Na próxima seção, veremos como Levy retrata a experiência das mulheres afro-caribenhas nessa primeira onda de imigração para a Inglaterra, através da personagem Hortense, que altera seu modo de encarar a colonização em virtude de seu deslocamento diaspórico

#### 4. AS JORNADAS DE HORTENSE

Hortense recebeu uma educação de moldes britânicos que buscava disseminar os valores do colonizador. Falar a língua inglesa como os britânicos a falavam era uma obsessão da jovem jamaicana. Além disso, no início, Hortense enxerga e classifica seus conterrâneos como pessoas atrasadas, grotescas, rústicas, de baixa capacidade intelectual. Ela não hesita em atribuir aos jamaicanos qualquer adjetivo negativo que os desqualifique e inferiorize em relação aos britânicos. E, por acreditar nessa superioridade dos britânicos, Hortense busca, constantemente, se parecer com eles.

*Small island* está dividido em cinquenta e nove capítulos, dos quais Hortense narra quinze, sendo que seis referem-se a um período anterior a 1948, data do presente da narrativa, e os outros nove tratam dos eventos que ocorreram após sua chegada à Inglaterra. Na condição de filha bastarda de um homem de posses, Hortense foi separada da mãe para ser criada pela família de um primo de seu pai, tendo a oportunidade de ter uma boa educação. Aos quinze anos, ela inicia uma carreira como professora numa escola de elite em Savannah-La-Mar. Porém, alguns problemas fazem com que se mude para Kingston, onde realiza um estágio docente numa

instituição de ensino de administração britânica. Nessa instituição, é obrigada a seguir severas regras de comportamento, e o conteúdo estudado enfoca apenas a história, a geografia e a literatura britânicas, sem nada referente à realidade local. Por sua condição de bastarda, Hortense é impedida de lecionar em escolas tradicionais de Kingston, não lhe restando outra alternativa a não ser partir para a Inglaterra. Para isso, ela propõe casamento ao ex-voluntário Gilbert, que, sem consumir o matrimônio, viaja no dia seguinte para Londres a bordo do *Windrush*. Hortense vai ao encontro de Gilbert seis meses depois e, no novo lar, o casal se esforça para sobreviver enquanto enfrenta o preconceito racial.

No início de sua narração, Hortense relembra sua origem, resgatando a figura de seus pais. O pai é o primeiro a ser mencionado. Ela descreve suas “qualidades”, colocando-o numa posição superior à da mãe: “meu pai é um homem de classe. Um homem de caráter. Um homem de inteligência. Nobre de um modo que o tornou uma lenda” (LEVY, 2010, p. 31, tradução nossa).<sup>7</sup> Hortense parece se orgulhar do elevado padrão social de seu pai, não lhe poupando elogios, mesmo que ele não tenha mantido nenhum contato com ela e nem a tenha reconhecido como filha. Em contrapartida, para a figura materna, ela não atribui nenhuma característica positiva, relatando apenas que ela tinha pés pretos descalços e que não sabia ler e escrever. Também parece relutante em reconhecê-la como mãe, pois não se

---

<sup>7</sup> “My father was a man of class. A man of character. A man of intelligence. Noble in a way that made him a legend.”

refere a ela dessa forma: “eu nasci de uma mulher chamada Alberta” (LEVY, 2010, p. 31, tradução nossa).<sup>8</sup>

Além da diferença social, que faz com que Hortense posicione Alberta num patamar inferior ao pai, a cor da pele de ambos também se apresenta como um fator a diferenciá-los. A tonalidade mais escura da pele negra de sua mãe é comparada por Hortense ao chocolate amargo, algo que lhe serve como uma analogia para uma vida difícil, de insucesso, de trabalho pesado. A tonalidade mais clara, cor de mel aquecido, da pele de seu pai é, por sua vez, relacionada a um futuro brilhante de uma vida mais doce: “minha pele era clara como a dele [o pai]; cor de mel quente. [...] Com tal aparência, havia uma chance de uma vida de ouro para mim” (LEVY, 2010, p. 32, tradução nossa).<sup>9</sup> Assim, ainda que fosse uma criança ilegítima, a pele mais clara de Hortense permitiu que ela tivesse uma vida de melhores oportunidades, mesmo em um país de maioria negra, como a Jamaica.

No decorrer da narrativa, Hortense realiza três jornadas, as quais são fundamentais para a conscientização de sua condição de sujeito colonizado. A primeira delas corresponde à ocasião em que ela é tirada da mãe para morar no distrito de Sanah-La-Mar, com os primos de seu pai, Philip e Ma Roberts. Ali, Hortense será alfabetizada, começará a aprender os modos britânicos e será doutrinado na fé cristã. Além disso, Hortense precisa seguir uma série de regras impostas pelos donos da casa, tendo sempre que

<sup>8</sup> “I was born from a woman called Alberta.”

<sup>9</sup> “My complexion was as light as his; the color of warm honey. [...] With such countenance there was a chance of a golden life for me.”

agir como uma menina comportada: “eu não deveria subir em árvores [...], o Senhor Philip me disse que não é bom para garotas subir em galhos como fazem os macacos” (LEVY, 2010, p. 32, tradução nossa).<sup>10</sup> Esse tipo de educação doméstica evidencia, por um lado, a imposição de convenções culturais ocidentais e, por outro, o controle exercido pela sociedade patriarcal nativa sobre o comportamento feminino, o que demonstra que as mulheres sofriam realmente uma espécie de dupla colonização.

Hortense realiza, então, sua segunda jornada, quando é enviada a Kingston para receber treinamento docente durante três anos em uma escola administrada por professoras britânicas. Em sua narrativa, ela revela que a instituição só aceitava garotas de “boas famílias”. Ela relata que as alunas admitidas na escola eram:

[...] moças que possuíam o necessário conhecimento das divisões de vários dígitos, das equações de segundo grau. Moças capazes de decompor uma frase em sujeito, objeto, complemento, e enumerar cinco verbos de modo. Meninas capazes de recitar as capitais do mundo e todos os livros da Bíblia com a pronúncia perfeita do inglês falado pelo rei (LEVY, 2010, p. 52, tradução nossa).<sup>11</sup>

Depois de seu estágio, Hortense assume uma sala com sessenta alunos, que, para ela, não passavam de “crianças irrequietas como vermes [...], sessenta pestinhas cabeça de vento, com nariz escorrendo e cheiro

<sup>10</sup> “I was not supposed to climb trees. Mr Philip told me it was not goodly for girls to lift themselves into the branches as a monkey would.”

<sup>11</sup> “Girls who possessed the required knowledge of long division, quadratic equations. Girls who could parse a sentence, subject, object, nominative, and name five verbs of manner. Girls who could recite the capital cities of the world and all the books of the Bible in the perfect English diction spoken by the King.”

ruim. Sessenta caras pretas” (LEVY, 2010, p. 56, tradução nossa).<sup>12</sup> Ela ainda se frustra com o “mau” comportamento e a falta de interesse dos alunos e revela que desejava obter deles o mesmo respeito que as professoras britânicas inspiravam em seus pupilos:

Aquelas mulheres brancas, cuja superioridade as rodeava como uma auréola, eram capazes de silenciar qualquer grupo ruidoso apenas levando um dedo aos lábios. Sua locução formal, sua inteligência superior, sua postura imperial exigiam e recebiam obediência de quem quer que as visse (LEVY, 2010, p. 57, tradução nossa).<sup>13</sup>

O excerto mostra que Hortense superestima a atuação das professoras brancas, demonstrando uma grande admiração pelo controle que elas exercem. A respeito desse mesmo trecho, Bonnici (2005/2006) explica que Hortense pretende disciplinar as crianças para poder implantar nelas com mais facilidade os valores da civilização eurocêntrica, que ela mesma assimilou de forma acrítica. Para Bonnici, Hortense ainda não é capaz de perceber que o desinteresse e a desatenção dos alunos são uma resistência à substituição forçada de sua cultura pelos valores estrangeiros.

Em *Small island*, os personagens afrodescendentes são representados como falantes de uma variedade de inglês já transformada, a variante jamaicana, com seus ritmos e vocábulos herdados de diversas línguas africanas. Mas Hortense é um caso à parte. Diferentemente dos demais jamaicanos, ela apresenta uma busca obsessiva por um inglês “perfeito”, ou seja, o mais próximo possível do inglês britânico, sem resquícios ou marcas

<sup>12</sup> “Sixty children fidgeting like verms [...] Sixty nappy-headed, runny-nosed, fould-smelling ragamuffins. Sixty black faces.”

<sup>13</sup> “Those White women whose superiority encircled them like an aureola, could quieten any raucous gathering by just place a finger to a lip. Their formal elocution, their eminent intelligence, their imperial demeanour demanded and received obedience from all who beheld them.”

que remetam às línguas africanas. Nesse primeiro momento, tal comportamento não parece ser mais do que o desejo de ocupar uma posição superior no sistema colonial, alicerçado numa crença de que quem enuncia o inglês britânico é superior às outras pessoas com suas variantes.

Na narrativa de Hortense, a cultura e arte do colonizador europeu também parecem ser superestimadas. A jovem narra, por exemplo, que, no seu primeiro dia de residência na instituição em Kingston, as professoras britânicas fizeram uma entrada triunfal no salão e cantaram o hino “Immortal, invisible, God only wise”, tocado ao piano. Esse hino, composto pelo poeta Walter Chalmers Smith, remete à fé cristã, com sua crença em um deus único, imortal e invencível, e, ao ser tocado ao piano, serviu como reforço da cultura europeia. Ainda no campo da subjetividade, uma das atividades a que as professoras aspirantes se dedicavam na escola era a declamação de poemas ou trechos de obras literárias, todos pertencentes à literatura britânica canônica. Num determinado momento, Hortense relata estar em dúvida entre declamar o discurso de Henry V, presente na peça de William Shakespeare, ou o poema “The charge of the light brigade” de Alfred Tennyson. Estimular nos colonizados uma atitude de reverência diante da literatura britânica era uma das estratégias empregadas pelos colonizadores para evitar sublevações. Afinal, se pensassem que essas obras eram infinitamente melhores do que quaisquer manifestações literárias nativas, dificilmente os colonizados iriam se rebelar contra o povo capaz de produzir algo tão superior.

Segundo Bonicci, o discurso colonial é fabricado como uma espécie de teia invisível que impede que o sujeito colonizado perceba que está preso nela. No período pré-1948, antes de sua mudança para a Grã-Bretanha, Hortense parece estar presa nessa armadilha, já que reproduz acriticamente o discurso do colonizador. Todavia, conforme Bonnici também aponta, após sua travessia em reverso pela “passagem do meio”, ela demonstra ter passado por uma transformação, decorrente do surgimento de nova uma consciência a respeito de sua situação como colonizada.

Na trajetória de Hortense, parece estar desenhada a estratégia de sobrevivência denominada por Bhabha (2013) de *mímica*. Para Bhabha, ao mesmo tempo em que a mímica está implicada no discurso colonial, ela mina esse mesmo discurso. Isso acontece porque, se é preciso convencer os colonizados de que os colonizadores são superiores e que eles devem imitá-los e absorver sua cultura, língua e religião, o resultado será o de que os colonizados estarão cada vez mais parecidos com os colonizadores. Dessa forma, aquela alteridade que era o Outro colonizado acaba tendo que ser representada de uma outra forma. O discurso que apresentava o colonizado apenas como selvagem, bruto, irracional não pode mais se manter como única possibilidade, pois o colonizado agora fala a mesma língua do colonizador, veste as mesmas roupas e se converteu à mesma religião. Na visão de Bhabha, o colonizado se torna, então, uma entidade que desliza entre a diferença e a semelhança, minando o principal objetivo do discurso colonial, que era representar o colonizado como inferior e, portanto,

passível de dominação. E a mímica também acaba sendo importante para que o colonizado tome consciência de sua posição.

Hortense inicia seu processo de tomada de consciência sobre o Império e sobre si mesma a partir do momento em que realiza sua terceira jornada, a travessia do Atlântico. De acordo com Bonnici, três eventos ocorreram logo no primeiro dia de Hortense em Londres que fizeram com que nascesse uma nova consciência dentro de um processo de resistência. Tais eventos contribuíram para que ela se libertasse de sua cegueira e finalmente reconhecesse o seu “problema de pronúncia (sotaque); [desenvolvendo] a percepção de ser taxada como uma cidadã de segunda classe” (BONNICI, 2005/2006, p. 214, tradução nossa).

O primeiro evento ocorre logo na chegada, quando Hortense é interrogada, ao desembarcar do navio, por uma senhora branca que procurava uma determinada pessoa: “Você viu Sugar? Ela é uma de vocês. Ela está vindo para ser minha babá” (LEVY, 2010, p. 12, tradução nossa).<sup>14</sup> Sendo incluída numa coletividade que ela mesma desprezava, Hortense não tem outra alternativa a não ser encarar o fato de que, para os ingleses, ela seria tomada como uma caribenha qualquer. Segundo Bonnici, a partir desse evento, é possível perceber que os imigrantes caribenhos eram todos classificados como serviçais pelos ingleses, como se estivessem ali apenas para servi-los. E, de fato, eles acabavam sendo designados para os trabalhos menos privilegiados e pior remunerados.

---

<sup>14</sup> “Have you seen Sugar? She’s one of you. She’s coming to be my nanny.”

O segundo acontecimento parece ser ainda mais chocante para Hortense, pois a obriga a reconhecer que a sua pronúncia do inglês não é igual à dos britânicos. Ao tomar um táxi que a levará para o endereço em que Gilbert estava residindo, Hortense se frustra pelo fato de o taxista não a entender. Mesmo repetindo o endereço por várias vezes, o motorista não a compreende, chegando ao ponto de ter que apresentar a ele a anotação do destino em um pedaço de papel. Ela, então, reflete sobre a situação: “Falei com meu melhor sotaque. O sotaque que me fizera ser a primeira da turma na competição, [...] mesmo assim, esse motorista de táxi não estava me entendendo” (LEVY, 2008, p. 22, tradução nossa).<sup>15</sup> Para Bonnici, esse episódio permitiu que Hortense se conscientizasse das diferenças entre os sotaques metropolitanos e suas variantes coloniais. A língua, portanto, proporciona a Hortense uma reflexão profunda sobre sua variante e como ela a diferencia dos britânicos.

Mais uma questão que causa estranhamento a Hortense é o modo de vida dos ingleses. Num terceiro momento, quando finalmente chega à casa de Gilbert, Hortense se indaga “esta é a maneira como os ingleses vivem?” (LEVY, 2010, p. 18, tradução nossa).<sup>16</sup> Bonnici reconhece aí um desapontamento da personagem em relação à moradia que Gilbert havia encontrado para o casal. Mas, além disso, a desilusão também parece ser em relação à própria Inglaterra. Hortense parece ter imaginado que aquele tipo de residência não seria jamais possível na metrópole, que ela

<sup>15</sup> “I put on my best accent. An accent that had taken me to the top of the class in [...] pronunciation competition. [...] But still this taxi driver did not understand me.”

<sup>16</sup> “Is this the way the English live?”

considerava tão superior à realidade da Jamaica. Após Gilbert mostrar o aposento, que servia como quarto, sala, cozinha e banheiro simultaneamente, Hortense entra num estado de perplexidade, como pode ser observado em seu relato:

Tudo que eu vi foram paredes marrom-escuras. A perna mais curta de uma cadeira quebrada apoiando-se sobre uma Bíblia. Uma janela de cortina rasgada [...]. Havia uma pia no canto, e uma torneira enferrujada brotava da parede acima dela. Junto à cama havia uma mesa com duas cadeiras - uma com o encosto quebrado (LEVY, 2010, p. 16, tradução nossa).<sup>17</sup>

De acordo com Bonnici, as condições precárias de moradia levam Hortense a enxergar que os jamaicanos são tratados como forasteiros inferiores e não dignos de um alojamento decente pelos britânicos. Isso nos parece verdade, mas há ainda um outro agravante: Hortense parece sofrer um choque de realidade ao se deparar com um local decadente, sujo e desorganizado em plena Londres, lugar em que ela se acostumara a pensar como a capital de um modo de vida superior. Dessa forma, a simples existência de um local assim já mina a idealização que ela nutria em relação à metrópole, fazendo-a ver as coisas como elas realmente eram.

O processo de formação de uma nova consciência prossegue no segundo dia de Hortense na Inglaterra, quando ela recebe, logo pela manhã, a visita de Queenie. Como Queenie é a proprietária branca da casa, uma inglesa falante de uma variedade britânica de inglês, ela se coloca numa posição superior à da afro-caribenha Hortense, falante de uma variedade

<sup>17</sup> “All I saw were dark brown walls. A broken chair that rested one uneven leg on the Holy Bible. A window with a torn curtain [...] There was a sink in the corner, a rusty tap stuck out from the wall above it. There was a table with two chairs – one with its back broken.”

jamaicana. Tanto é assim que, ao convidar a jamaicana para ir às compras, Queenie afirma não se importar em “ser vista na companhia de negros” (LEVY, 2010, p. 191, tradução nossa).<sup>18</sup> Contudo, Hortense não reconhece essa superioridade:

Ora, por que aquela mulher deveria se preocupar que a vissem na rua comigo? Afinal eu era professora, e ela era apenas uma mulher que se sustentava alugando quartos. Se alguém deveria ter vergonha, era eu (LEVY, 2010, p. 191, tradução nossa).<sup>19</sup>

O autoquestionamento da personagem revela que ela inverte as posições entre colonizador/superior e colonizado/inferior, talvez pela primeira vez na vida. Hortense sente que ocupa um lugar superior por ser uma mulher instruída, uma professora, enquanto entende que Queenie ocupa uma posição inferior, pois, sem nenhum grau de instrução, precisa ganhar a vida alugando quartos de sua casa. Essa subversão é reforçada no momento em que as duas mulheres vão, de fato, às compras, e Hortense reflete consigo mesma: “Eu estava vestida como uma mulher do meu nível deveria estar vestida para visitar as lojas da Inglaterra. [...] [E]ra aquela jovem inglesa e não eu quem estava usando um casaco puído (LEVY, 2010, p. 272, tradução nossa).

Ademais, outra importante percepção da personagem ao sair às compras nas ruas de Londres é a variedade de ingleses de diferentes cores. Espantada com as diferenças vistas, ela relata: “Em nenhum livro ou aula que tive, ninguém jamais me disse que era possível encontrar tantos tipos

<sup>18</sup> “To be seen out with darkies.”

<sup>19</sup> “Now, why should this woman worry to be seen out with me? After all, I was a teacher and she was only a woman whose living was obtained from the letting of rooms. If anyone should be shy it should be I.”

diferentes de ingleses” (LEVY, 2010, p. 273, tradução nossa).<sup>20</sup> Esse reconhecimento é fundamental no processo de conscientização de Hortense, uma vez que ela percebe pela primeira vez que a noção de pureza racial criada pelos britânicos para afirmar sua suposta homogeneidade e superioridade era uma falácia. A partir daí, Hortense está pronta para resistir ao preconceito racial e à xenofobia no país anfitrião e a buscar novas estratégias de sobrevivência e empoderamento, prometendo a si mesma inclusive que exercerá sua profissão na Inglaterra, lecionando para os próprios ingleses.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os excertos examinados mostram a ascensão do processo de transformação de Hortense. As indagações e afirmações realçam a força e a resistência de uma jamaicana não mais alienada ao imperialismo britânico e colocam em evidência uma personagem agora crítica e consciente. Sua voz no romance não aparece mais a favor dos discursos coloniais, mas divergindo deles, emergindo, assim, como um grito de resistência. Além disso, o adjetivo de alienada que podíamos dar à personagem no início da leitura do romance é substituído pelo de heroína, justamente por ela não aceitar mais a inferiorização que lhe era imposta e se convencer de que se tornaria uma professora na Inglaterra.

Os eventos acima descritos procuraram exemplificar a forma hostil e preconceituosa com que os imigrantes caribenhos foram inicialmente

---

<sup>20</sup> “In no book or tutoring that I had acquired did anyone tell me that so many different types of English people could be found.”

recebidos na Inglaterra. Os excertos selecionados revelaram que, não importando o grau de instrução ou a posição social de origem, os caribenhos foram colocados, na Inglaterra, numa posição inferior, subalterna. Ao perceber isso, Hortense, gradativamente, se transforma, pois no seio desses conflitos sua consciência se constrói. Seus questionamentos às afirmações de Queenie mostram que agora está consciente da posição subalterna que o colonizador a submete, mas não reconhece essa subalternização, reafirmando características suas que poderiam inclusive colocá-la numa posição superior. A própria experiência de estar na Inglaterra permite que se subverta a idealização da metrópole que ela mantinha. Ela é capaz de ver aspectos negativos no país anfitrião, o que interrompe a imagem de sociedade perfeita e superior que nutria.

Os trechos analisados ainda exemplificam o processo de tradução cultural pelo qual Hortense estava passando. Todos os encontros que Hortense teve com os britânicos fizeram com que ela enxergasse a sua diferença, que não se limitava à cor de sua pele, mas a uma série de elementos culturais. Esse contato conflituoso e agressivo entre Hortense e os britânicos a ajuda a criar novos significados sobre sua identidade, fazendo-a emergir como um sujeito autêntico. E, nesse cotejamento com os valores e realidades britânicas, ela não se sente mais em desvantagem. É principalmente essa transformação que a experiência da diáspora lhe proporciona. Hortense é ainda a “prova viva” de que a mímica mina o discurso colonial de inferiorização do colonizado porque, no seu esforço de

imitar os ingleses, ela acaba percebendo que eles próprios não são tão perfeitos assim, abrindo espaço para a sua agência e empoderamento.

Ao averiguarmos como as identidades dos sujeitos coloniais são forjadas no contexto da diáspora, entendemos que, no caso de Hortense, ela passou por um processo de tradução cultural mediante seu encontro com a cultura dominante. Laura Izarra (2013) aponta que os discursos das diásporas criam o efeito estético de espaços móveis de tradução cultural, e o que a análise nos mostrou foi exatamente uma personagem traduzindo a cultura de seu colonizador em espaços móveis. Em outras palavras, foi a mudança de um espaço para outro que permitiu que se formasse nela uma nova consciência. O espaço em que há a intersecção cultural é denominado por Bhabha (1990) de *terceiro espaço*, que se tornou para a personagem o ambiente propício para emergir como um sujeito autêntico, com uma identidade que está sempre em processo, em movimento. O terceiro espaço é, portanto, o espaço em que o marginal, a minoria, o subalterno e o sujeito diaspórico vão criar novos significados através do processo de tradução cultural.

## 6. REFERÊNCIAS

BENNET, Louise. Colonization in reverse (1966). In: PROCTOR, James (ed.). *Writing Black Britain 1948-1998: an interdisciplinary anthology*. Manchester: Manchester University Press, 2000, pp. 16-17.

BHABHA, Homi K. The third space. In: RUTHERFORD, J. (ed). *Identity community, difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990, pp. 207-221.

---. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BRAH, Avtar. *Cartographies of diaspora*. Contesting identities. London and New York: Routledge, 1996.

BONNICI, Thomas. The representation of resistance and transformation in Levy's Small Island. *Estudos Anglo-Americanos*, v. 29-30, 2005/2006, pp. 205-228.

BONNICI, Thomas (Org.). *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Editora da UEM, 2009, pp. 395-438.

DAVIES, Carole Boyce. *Black women, writing, and identity*. Migrations of the subject. London and New York: Routledge, 1994.

ELLIS, Alicia. E. Identity as cultural production in Andrea Levy's Small island. *Entertext – Especial issue on Andrea Levy (on line)*, issue 9, 2012, pp. 69-83.

FRASER, Robert. *Lifting the sentence*. A poetics of postcolonial fiction. Manchester; Nova Iorque: Manchester University Press, 2000.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro*. Trad.: Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

GROSGOUEL, Ramón. Decolonizing post-colonial studies and paradigms of political economy: transmodernity, decolonial thinking, and global coloniality. In: *TRANSMODERNITY: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*. School of Social Sciences, Humanities, and Arts, UC Merced, 2011.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2003.

IZARRA, Laura. Alteridade na literatura das diásporas no espaço geográfico do Reino Unido. *Scripta Uniandrade*, v. 11, n. 2, 2013, pp. 03-23.

KNEPPER, Wendy. Andrea Levy's dislocating narratives. *Entertext* – Especial issue on Andrea Levy (on line), issue 9, 2012, pp. 1-13.

LEVY, Andrea. *Small Island*. New York: Picador, 2010 [2004].

MCLEOD, John. *Beginning postcolonialism*. Manchester; New York: Manchester University Press, 2000.

WALTER, Roland. *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas*. Recife: UFPE, 2009.